

OUTROS MUÇULMANOS: ISLÃO E NARRATIVAS COLONIAIS

Other Muslims: Islam and Colonial Narratives

Alain Pascal Kaly*

MACAGNO, Lorenzo. *Outros muçulmanos. Islão e narrativas coloniais*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006, 254 p.

Apesar de uma presença secular no Brasil, a religião muçulmana não ganhou, ainda, os altares acadêmicos das mais prestigiosas instituições universitárias do país. Acredito que sem os trabalhos pioneiros dos historiadores baianos, da Universidade Federal da Bahia, sobre o levante de escravos e homens livres negros em Salvador, em 1835 – o que João José Reis intitulou *Rebelião escrava no Brasil*: a história do Levante dos Malés –, a religião muçulmana seria vista como algo que teria chegado ao Brasil somente no século XX, trazida pelos imigrantes oriundos dos países árabes. Mas se os historiadores foram os pioneiros, a temática árabe-islâmica continua atraindo a atenção de poucos cientistas sociais dentro e fora do país, apesar do peso econômico e político da comunidade muçulmana brasileira e, sobretudo, da política de abertura da diplomacia brasileira em direção aos países árabes.

Nestes últimos anos, o campo acadêmico brasileiro – pesquisadores de literatura, historiadores e cientistas sociais – está cada vez mais voltado para os estudos dos países africanos onde o português é a língua oficial; entretanto, quase nada é consagrado à contribuição do Islã na formação cultural e social dos mesmos. Por este motivo, o livro de Lorenzo Macagno, além de preencher este vazio, mostra-nos como o Islã desempenhou um papel fundamental nos momentos mais críticos, tanto no período colonial como pós-colonial, de Mocambique e das regiões vizinhas.

* Doutor em Ciências Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e pós-doutorando no Departamento de História da Unicamp.

Logo no início do livro, o autor apresenta alguns questionamentos centrais aos quais se dedicou a responder ao longo de suas análises. São eles:

- 1) Quais foram as consequências das políticas assimilacionistas, enquanto produto eminentemente jurídico, nas regiões majoritariamente muçulmanas de Moçambique?
- 2) Como é que o Islã, através das suas lideranças político-religiosas, dialogou com a administração colonial, que oscilava entre o discurso da assimilação e o da tolerância aos “usos e costumes” autóctones?
- 3) Quais foram as derivações contemporâneas desse diálogo, ou seja, as consequências políticas para o Moçambique independente?
- 4) Em que sentido essas consequências influenciaram o posicionamento das comunidades muçulmanas perante o Estado-Nação pós-colonial?
- 5) Quais foram as disputas identitárias que ocorreram no seio das comunidades muçulmanas durante este processo?
- 6) Em que medida esses conflitos se originaram ou podem ser explicados mediante os diversos tipos de relações que os representantes dessas comunidades estabeleceram, tanto com o Estado colonial como com o pós-colonial?
- 7) Conseguiu a narrativa colonial criar uma gramática própria na sua relação com os muçulmanos?
- 8) Pode-se dizer, por fim, que o período pós-colonial se apropriou, mediante uma linguagem diferente, desta gramática?

Todas estas perguntas foram respondidas ao longo dos oito capítulos que compõem o livro. No primeiro e no segundo capítulos, o autor se refere à existência, antes da chegada dos europeus, das redes comerciais e culturais na parte oriental da África. Um dos sustentáculos destas redes foi mesmo a religião muçulmana, que possibilitou a superação das lealdades étnicas, mas, ao mesmo tempo, acabou se tornando um dos maiores obstáculos para o sucesso da política colonial em Moçambique.

Macagno, em particular na página 30, salienta que os *suaili* controlavam as redes comerciais que envolviam a costa oriental do Oceano Índico. Estas redes proporcionaram o deslocamento de seres humanos, bem como uma intensa circulação de mercadorias, de ideias e de práticas culturais. As mesmas redes transcontinentais existiam, também, no comércio transaariano (AMIM; BARRY, 1984) e se deslocavam da África Ocidental até o Oriente Médio e a Europa, através do Magreb. O advento da rota Atlântica, com o

incremento do tráfico negreiro, acabou por enfraquecer os caminhos continentais destes trânsitos. *Outros muçulmanos* contribui, pois, para colocar em cheque a teoria falaciosa de que a África vivia isolada do resto do mundo.

No contexto de Moçambique, a circulação de bens e de pessoas fez com que as populações Yao e Macua incorporassem a cultura árabe-islâmica, o que mais tarde, no novo contexto sociopolítico e cultural do período colonial, servirá para os Yao e os Macua como um elemento de ascensão social, uma vez que o domínio da cultura *suaili* incluía um determinado tipo de vestuário, de técnicas arquitetônicas e de escrita. A nova religião, além dos seus aspectos prestigiosos, protegia-os da escravidão, ao mesmo tempo que lhes fornecia amplas possibilidades no interior das redes comerciais. Portanto, quando se iniciou a colonização territorial de Moçambique pelos portugueses, a religião muçulmana já estava implantada nos territórios ocupados pelos Yao e os Macua. Isso fez com que as sociedades muçulmanas constituíssem um dos maiores empecilhos à política colonial assimilacionista ultramarina, levando a administração a criar categorias jurídicas que pudessem servir como mediadoras da civilidade. Um exemplo disto é a categoria “indígena”. Tais confrontos, envolvendo muçulmanos autóctones e a potência colonial (NDIAYE, 1985), podem ser verificados, também, no caso da administração francesa colonial em Saint Louis do Senegal, ao longo do século XIX e da primeira metade do século XX. Em ambos os casos, as lideranças das confrarias foram o alvo de intensas articulações de cooptação por parte dos colonizadores.

No terceiro capítulo, o autor faz uma análise histórica da chegada do Islã e de suas diversas correntes na costa oriental em direção ao interior do atual Moçambique, não deixando de analisar as diversas imaginações coloniais, particulares à década de 1930, que visavam a “diabolizar”, no contexto do Estado Novo, o Islã e os seus seguidores.

Os capítulos 4, 5 e 6 trazem ricos dados, oriundos de um minucioso trabalho de campo nas comunidades muçulmanas de Nampula. Esses dados nos possibilitam enxergar que as fronteiras entre as confrarias sufis e o chamado “Islã puro” são porosas. Alguns muçulmanos – como atesta o caso de Momade, o informante principal – transitam livremente entre as chamadas práticas pagãs das confrarias, cujos dirigentes “não entendem nada do Islã” e dos puritanos wahabistas. Entretanto, Macagno nos mostra que o problema de fundo é outro: as disputas intergerações. Devido às

oportunidades de estudar fora, os jovens muçulmanos moçambicanos que conseguiam essas bolsas de estudos retornavam ao país com mais prestígio e erudição, fato que lhes possibilitavam questionar algumas das práticas dos seus antigos guias espirituais.

Os dois últimos capítulos revelam que, para além das frentes de batalha pela libertação do país, tanto os colonizadores como os independentistas também estavam travando disputas acirradas, visando à cooptação dos líderes muçulmanos. Para comprovar as ambiguidades, as contradições, “os impasses e até os desacordos entre a representação política e a ação individual” do engajamento de alguns líderes na luta anticolonial, Macagno discorre sobre a biografia de Yussuf Arab. Esta descrição analítica faz do capítulo 7 a parte mais rica do livro. Por meio deste personagem, o autor revela não só as contradições que fazem parte dos agentes concretos envolvidos nessas disputas, mas também a sua riqueza, sem deixar de lado uma visão sobre o campo das incertezas intrínsecas aos movimentos de libertação nacional.

Finalmente, no Moçambique independente, já muito cedo as novas lideranças políticas iniciaram um trabalho de aproximação com as lideranças religiosas por saberem, pelo decorrer da história, tanto da sua importância para o processo de reconciliação nacional quanto do importante lugar que a religião muçulmana ocupa no conjunto das dinâmicas socioculturais do país.

Outros muçulmanos contribuirá, sem dúvida, para os debates acerca das redes sociorreligiosas – as quais ultrapassaram, muitas vezes, as barreiras étnicas – e para a compreensão do papel desempenhado pelo Islã e pelas lideranças muçulmanas na configuração da sociedade moçambicana, no contexto regional e transregional do Índico.

Referências

AMIN, Samir. Préface. In: BARRY, Boubacar. *Le royaume du Waalo: le Sénégal avant la conquête*. Paris: Karthala, 1984.

NDIAYE, Marie. *Avenir do rico do au da quantidade* Minuit, 1985.

Recebido em março de 2009.

Aprovado em maio de 2009.